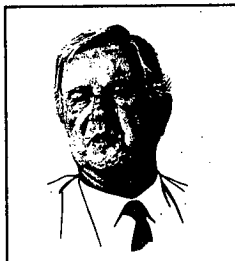


FERNANDO PEDREIRA

O sangue da Pátria

ESTADO DE SÃO PAULO



Nós sabemos de ciência certa que Rubens morreu sob tortura

Rochosas no norte do Canadá.

É muito possível que, em música, artes plásticas e até mesmo literatura, estejamos hoje atravessando regiões que os geólogos definiriam menos como uma cordilheira, do que como uma grande e funda depressão, uma espécie de estético Death Valley (Vale da Morte) de altitude inferior ao próprio nível do mar. Por maior que seja o talento e o esforço de artistas individuais (e até de escolas inteiras) eles não con-

seguem reviver determinadas especialidades, determinados ramos da arte, e erguê-los outra vez, sequer, à flor das águas.

Esse malogro parece ainda mais decepcionante e frustrante num tempo como o nosso, em que a ciência e a técnica dão enormes saltos adiante, e quando estão ainda tão próximos e tão vivos na lembrança os extraordinários surtos criadores do romance e da pintura no século 19 europeu (Tolstoi, Van Gogh e cia.). Não parece haver hoje outro meio de vencer essa histórica derrota, esse imenso vazio, senão através do escândalo da mídia, que garante aos modernos mestres da autopromoção ao menos os célebres 15 minutos de notoriedade anunciados por Andy Warhol, grão-sacerdote das latas de sopa Campbell.

Ora, pois. Ao contrário do que acreditam muitos dos seus admiradores, o presidente Fernando Henrique não é um príncipe da Renascença. Logo no início de seu governo, entretanto, o presidente não gostou de um grande quadro do pintor Manabu Mabe, exposto em seu gabinete de trabalho. Mas, pode um chefe de Estado, um presidente de todos os brasileiros, ter bom gosto, ou antes: ter

gosto artístico? Não pode. Não pode, nem deve.

A saída para o caso foi, conforme se podia esperar, menos filosófica ou estética, que burocrática. Incumbiu-se o senhor ministro da Cultura de nomear uma comissão de críticos que, por sua vez, nomeia mensalmente um novo pintor (haverá tantos pintores assim, no País?). O pintor nomeado, enfim, escolhe um quadro nas dimensões adequadas, que vai então para a parede do gabinete.

A solução encontrada tem prós e contras. Se o Mabe ficasse lá, em pouco tempo Fernando Henrique se acostumaría com ele e nem sequer o veria mais. Agora, todos os meses terá que tropeçar numa novidade "nova", freqüentemente estapafúrdia. Em compensação, o arranjo parece institucionalmente bom não só para o pintor escolhido e o governo, mas para os jornais. Novidade é notícia. Controvérsia também é. Ganham todos pelo menos mais 15 minutos da nossa (desatenta e atordoada) atenção.

Nos Estados Unidos, um país onde os chefes de Estado parecem, tradicionalmente, menos interessados nas chamadas grande artes, dois presidentes da República (um grande e um pequeno: Roosevelt e Bush) manifestaram, no curso do mandato, seu desgosto pelos brócolis. Roosevelt chegou mesmo, num certo momento, a enviar à cozinha da Casa Branca um energético memorando no qual descrevia suas preferências e condenava com vigor os brócolis. Mas, em vão.

Também no seu caso, apesar dos imensos serviços que o presidente estava prestando à América e ao mundo, a burocracia venceu. Eleanor Roosevelt, mulher do presidente, havia contratado para chefiar os serviços da Casa Branca uma respeitável senhora de temperamento (embora não de tempero) forte, Henrietta Nesbitt. Essa senhora ignorou simplesmente o memorando do presi-

dente e ordenou aos cozinheiros que continuassem a lhe servir brócolis. "Brócolis fazem bem a ele", afirmou ela. "Ele devia gostar".

Há, pois, presidentes que não gostam de determinados legumes, assim como há os que não gostam de determinados quadros.

Mas, e o Rubens Paiva? Por que o presidente FH não nos diz o que foi feito do Rubens Paiva?, pergunta o excelente Verissimo no *Jornal do Brasil*. Nós, que na época trabalhávamos na sucursal carioca do *Estado*, sabemos de ciência certa que Rubens morreu sob tortura, num estabelecimento policial-militar, e foi enterrado como indigente no cemitério de Inhaúma, no Rio. Essa informação, absolutamente fidedigna, foi transmitida à família por mim, assim que soubemos dela, já sob o governo Médici.

Casos como o de Rubens foram vários, então, e sua investigação cabia (ou deveria caber) à própria Justiça, ao menos até que se aprovasse a anistia, que apagou esses crimes e muitos outros, por mais nefandos que tenham sido. O presidente não foi eleito para isso. Desde o primeiro momento, ele disse claramente não só o que ia fazer, mas até *com quem* (o PFL) ia fazê-lo. E o está fazendo. Sua espetacular eleição (assim como a vitória de Tancredo, em 85) foi uma dura lição para os extremistas dos dois lados e, na verdade, representou o grande reencontro e a reconciliação do País consigo mesmo. Antes assim.

O teste de DNA, que Verissimo propõe, devia ser feito não no sangue do presidente, mas no do País. A esquerda, na verdade, não se enganou de presidente; enganou-se de país. E por isso tem sido repetidamente derrotada — o que felizmente não impede que o direito de esperar continue a ser, graças a Deus, de todos nós...

Um dos seus livros, talvez *Crônicas Italianas*, Henri Beyle, mais conhecido como Stendhal, conta a história de um antigo príncipe lombardo que vivia recluso em seu palácio. Todos os dias, ao cair da noite, um pequeno grupo de músicos subia aos seus aposentos e tocava três sonatas, sempre as mesmas. O príncipe dormia, feliz.

Há pessoas assim; acham que na verdade não há no mundo muito mais do que duas ou

três sonatas que mereçam realmente ser ouvidas. Felizes são aqueles que as encontram. Há, entretanto, outras pessoas, provavelmente mais inquietas ou desatentas, que preferem a variedade. Essas são a grande maioria. E há ainda as que optam pela novidade — que, em arte (e em muitas outras coisas), pode ser, quase sempre, um espantoso desastre.

Já não me lembro quem disse que a idéia de progresso, em arte, é descabida e tola. Achar, por exemplo, que Brancusi é melhor ou mais "avançado" que Fidias, ou Rodin, ou Donatello, é bobagem. Assim como é também bobagem (perdoe-me, mestre Millôr) pensar que o Cristo, esse que embrulha prédios e pontes (ainda agora embrulhou o Reichstag, em Berlim) seja outra coisa senão um Grande Embrulhador...

Na verdade, a história da arte é como uma imensa cordilheira que exibe às vezes picos altíssimos, mas tem também muitos vales profundos, além de amplas extensões marcadas por montanhas menores ou mais medíocres. Alguns dos ramos e braços dessa grande cordilheira muitas vezes morrem logo adiante, ou desaparecem sob as águas, como os Andes, ao sul do Chile, ou as Montanhas